



OS FUNDAMENTOS DO TRABALHO EM MARX: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO TRABALHO PRODUTIVO E DO TRABALHO IMPRODUTIVO

Juliana Carla da Silva Gois¹

Resumo

O objetivo desse artigo é expor os fundamentos ontológicos da categoria trabalho em Marx, bem como a forma a qual o trabalho adquire na sociedade capitalista, configurando-se como trabalho abstrato que, por sua vez, se desdobra em trabalho produtivo e improdutivo. Nesse sentido, se tomará como referência algumas obras fundamentais de Marx, objetivando discorrer, ainda que de forma inicial, sobre a conceituação do trabalho produtivo e do trabalho improdutivo, enquanto categorias econômicas, próprias do modo de produção capitalista.

Palavras-Chave: Trabalho. Trabalho abstrato. Trabalho produtivo. Trabalho improdutivo.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho, como relação entre homem e a natureza, permite que o indivíduo produza elementos indispensáveis à sua vida, através da transformação do elemento natural e que também transforme a si próprio. É através do trabalho que o homem se diferencia dos outros animais, constituindo-se como gênero humano e permitindo a produção de bens materiais essenciais à reprodução humana. Entretanto, a sociedade capitalista inaugura uma relação de compra e venda da força de trabalho, através do salário, em que o trabalho adquirirá o caráter de trabalho abstrato, tendo como objetivo central a produção de mais-valia.

Deste modo, entende-se que a geração e acumulação de riquezas no capitalismo têm como centro o trabalho do proletariado, ou seja, o trabalho daqueles que realizam o intercâmbio orgânico com a natureza. E é através do trabalho do proletariado que se produz a riqueza material e a mais-valia, que se retira a fonte do assalariamento dos demais trabalhadores. Contudo, deve-se levar em conta que para a manutenção da sociedade capitalista há outro tipo de trabalho que também é necessário: o trabalho improdutivo. Este não produz mais-valia, mas auxilia funcionalmente na reprodução do modo de produção capitalista. E dentro do âmbito da discussão do trabalho, evidencia-se também o debate em torno dos serviços, que podem se constituir ou não enquanto produtores de mais-valia.

Sob este entendimento, este estudo tem como propósito principal apresentar elementos para a discussão e análise da categoria trabalho, como essencial à vida dos homens, tomando como referencial teórico a teoria social de Marx. Tal discussão apresenta uma temática, em que pese não ser inexplorada, que continua relevante para o debate contemporâneo da categoria trabalho. A problemática desta produção também traz alguns elementos para a reflexão sobre o estudo do trabalho abstrato, e mais especificamente, do trabalho produtivo e do trabalho improdutivo, a partir dos escritos de Marx. Para o alcance de tais objetivos foram essenciais as leituras das obras de Marx, "*O Capital*", "*Capítulo VI Inédito de O Capital*" e "*Teorias da mais-valia*". A partir delas será realizada uma breve reflexão em torno da temática.

¹ juh-carla@hotmail.com - Assistente Social.



2 TRABALHO PRODUTIVO E TRABALHO IMPRODUTIVO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Partimos do pressuposto marxiano de que o trabalho é o “intercâmbio orgânico entre o homem e a natureza”, é necessidade eterna do mundo homens, possuindo um caráter ontológico e retirando o homem de sua condição meramente biológica. O trabalho é o primeiro ato histórico dos homens objetivando satisfazer suas necessidades materiais de reprodução social. A base da existência do mundo dos homens reside na transformação da esfera do ser natural, por meio da utilização das propriedades do elemento natural. Este processo só é possível acontecer através de uma atividade consciente onde o homem produz elementos indispensáveis à sua vida. Portanto, infere-se que o trabalho possui um caráter ontológico, fundando assim o ser social e retirando o indivíduo de sua condição meramente biológica.

Conforme o pensamento de Marx, o trabalho sempre se concretizará como condição eterna do gênero humano de satisfazer suas necessidades básicas através da transformação da natureza. Portanto, em qualquer forma de organização social haverá no seu interior o trabalho como uma forma específica, organizada e historicamente determinada. Sob esse entendimento, apreende-se que o trabalho é a relação do homem com a natureza, permitindo surgir um novo tipo de homem. Toda a sociedade terá uma forma específica de trabalho como sua base, pois o trabalho é produtor de uso necessário para a existência na humanidade. A existência da natureza é imprescindível para a existência da humanidade, pois sem ela não seria possível qualquer forma de sociedade. Portanto, para satisfazer suas necessidades, o homem se confronta com a natureza transformando-a e transformando a si próprio também, através da aquisição de novas habilidades.

Sendo o trabalho um ato específico da atividade humana, o indivíduo realiza o confronto com a natureza de modo que ele próprio, através dessa ação, possa mediar, regular e controlar esse ato, dominando o processo de trabalho em sua totalidade. Para isso, o homem põe em movimento “braços e pernas, cabeça e mão”, ou seja, movimenta suas forças naturais e se confronta com a natureza, transformando a matéria natural e produzindo algo novo, de modo que atenda suas necessidades de sobrevivência. Nesse movimento, o homem através do trabalho ultrapassa seus limites naturais produzindo a si como gênero humano.

Todavia, no modo de produção capitalista o trabalho passa a se degradar numa maior intensidade, tornando a força de trabalho humana mera mercadoria que serve para produzir outras mercadorias. O trabalho, nesse sentido, não é uma forma de realização humana, mas sim uma forma do indivíduo sobreviver na sociedade.

A sociedade capitalista é regida pelo trabalho abstrato. Sendo assim, a exploração do trabalho não se dá só no âmbito da produção da riqueza material (trabalho concreto), mas também nas posições teleológicas secundárias (LESSA, 2009). No capitalismo, a reprodução do capital se dá imediatamente pela apropriação da mais-valia. O capital retira do trabalho a sua função específica que é a de produzir objetos úteis à vida social e torna este trabalho produtor de valor. Nesse sentido,

Ao desaparecer o caráter útil dos produtos do trabalho, desaparece o caráter útil dos trabalhos neles representados, e desaparecem também, portanto, as diferentes formas concretas desses trabalhos, que deixam de diferenciar-se um do outro para reduzir-se em sua totalidade a igual trabalho humano, a trabalho humano abstrato. (MARX, 1985a, p.47).

Deste modo, como para o capital o que interessa é o lucro, ele reduz a este denominador comum todas as atividades humanas. Nestes termos,



**SEMINÁRIO NACIONAL DE SERVIÇO SOCIAL,
TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis SC - 27 a 29 de Outubro de 2015**

O trabalho abstrato é precisamente isso: o processo social pelo qual o capital, em sua auto-valorização, desconsidera as diferenças ontológicas entre as diferentes práticas sociais reduzindo-as, todas, àquilo que, para ele, é essencial: as suas diferentes capacidades de produzir mais-valoria. (LESSA, 2008, p.07-08).

Portanto, segundo Lessa (2009), o ponto que define esta situação reside na peculiaridade da riqueza possuída pela burguesia, que é o capital. No capitalismo a reprodução social se dá de modo imediato não pela apropriação do conteúdo material da riqueza social, mas sim pela apropriação da mais-valoria. Para o capital não interessa a diferença entre o trabalho concreto – aquele que transforma a natureza – e o trabalho abstrato que produz a mais-valoria, pois sua finalidade última é o lucro.

Lessa (2008) salienta que entre o trabalho concreto e o trabalho abstrato há uma considerável distinção ontológica. O autor alega que o trabalho abstrato além de incluir o intercâmbio orgânico com a natureza, também inclui uma vasta gama de atividades que não realizam o intercâmbio com a natureza. Sob esse entendimento, “não há qualquer identidade possível entre o trabalho e o trabalho abstrato porque são relações sociais que atendem a funções sociais inteiramente distintas” (idem, p.08). Assim, mesmo que o trabalho abstrato predomine no capitalismo, para que a sociedade possa se reproduzir é necessário o trabalho concreto, e sem este não há qualquer capitalismo possível. Isto porque, sem o trabalho do proletariado não há produção da riqueza material; não há o conjunto de bens necessários a reprodução social. Apreende-se com isso que,

Em se tratando da reprodução social, portanto, há uma distinção ontológica decisiva entre a reprodução do capital e o trabalho. Sem o último, a reprodução do capital é inviabilizada em sua base material. E esse fato fundamental não tem lugar nas relações sociais alienadas pelo fetichismo da mercadoria. (ibidem).

Nesse movimento, o trabalho abstrato, como denominou Marx, pode ser produtivo ou improdutivo, ele pode ser ou não produtor de mais-valoria. Como bem sintetiza Lessa

Uma parte do trabalho abstrato produz a mais-valoria, uma outra parte realiza a transformação dessa mais-valoria em dinheiro (mediação imprescindível para que possa retornar à produção como capital) e, uma terceira, como os funcionários públicos, apenas prestam serviços imprescindíveis (com as devidas mediações) à dominação de classe e, portanto, à continuidade da valorização do capital. (2008, p. 09).

O trabalho produtivo no capitalismo apresenta-se de uma forma muito peculiar e socialmente determinada.

Do ponto de vista do *processo de trabalho* em geral, apresentava-se como *produtivo* aquele trabalho que se realizava num *produto*, mais concretamente numa *mercadoria*. Do ponto de vista do processo capitalista de produção, junta-se uma determinação mais precisa: é produtivo aquele trabalho que valoriza diretamente o capital, o que produz mais-valoria, ou seja, que se *realiza* – sem equivalente para o operário, para o executante – numa *mais-valoria* (MARX, 2010, p. 109, grifos do autor).

Como categoria econômica, o trabalho produtivo só existirá no modo de produção capitalista e não mais em outra forma de sociabilidade, pois ele se define de forma socialmente determinada em meio às relações sociais desta sociedade. Portanto, Marx diferencia o trabalho produtivo do trabalho improdutivo afirmando que só “é *produtivo* o *trabalho* que gera diretamente mais-valoria, isto é, que valoriza o capital” (idem, grifos do autor). De acordo com Marx (2010) o processo de trabalho, ainda que organizado sob a



**SEMINÁRIO NACIONAL DE SERVIÇO SOCIAL,
TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL**
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis SC - 27 a 29 de Outubro de 2015

forma capitalista, continua produzindo mercadorias e produtos. Deste modo, sua produtividade reside na sua capacidade de produzir um produto que tenha um valor de uso. Entretanto, além de produzir uma mercadoria ele terá que valorizar o capital, gerando mais-valia.

A forma particular e histórica do sistema capitalista tem como base fundamental a produção de mais-valia, ou seja, o excedente que o trabalhador produz para o capitalista. Na produção capitalista, além do trabalhador produzir uma mercadoria que tem um valor-de-uso, ele também gerará, através da venda da sua força de trabalho, novo valor, ou seja, irá acrescentar mais valor do que custa, produzindo mais-valia e valorizando o capital. Assim, “o que constitui o valor de uso específico do trabalho produtivo para o capital [...] [é] o seu caráter de elemento criador de valor de troca (mais-valia)” (idem, p.114-115). Marx acresce que:

Trabalho produtivo [...] é o trabalho assalariado que, na troca pela parte variável do capital (a parte do capital despendida em salário), além de reproduzir essa parte do capital (ou o valor da própria força de trabalho), ainda produz mais-valia para o capitalista. (MARX, 1987, p. 132-133).

O trabalho produtivo é aquele que produz um excedente para o capitalista e ainda é fonte de remuneração do trabalhador. Todavia, não basta que o trabalhador produza mercadorias que tenham valor de troca; não basta que o trabalhador reproduza somente o valor investido pelo capitalista. O trabalhador deve produzir algo a mais, que é o lucro daquele que compra sua força de trabalho. Assim, reforça Marx que:

A produção capitalista não é apenas produção de mercadorias, é essencialmente produção de mais-valia. O trabalhador produz não para si, mas para o capital. Não basta portanto, que produza em geral. Ele tem de produzir mais-valia. Apenas é produtivo o trabalhador que produz mais-valia para o capitalista ou serve à autovalorização do capital. (1985a, p.105).

No entanto, ressalta-se que, sob o modo de produção capitalista, o trabalho produtivo independe do conteúdo material da atividade. O trabalho produtivo é determinado por sua função e não pelo conteúdo do trabalho, pela sua utilidade, ou até mesmo pelo seu valor de uso. Não é novidade o exemplo do mestre-escola que Marx usa para demonstrar a produtividade do trabalho. Segundo o autor:

[...] um mestre-escola é um trabalhador produtivo se ele não apenas trabalha as cabeças das crianças, mas extenua a si mesmo para enriquecer o empresário. O fato de que este último tenha investido seu capital numa fábrica de salsichas, não altera nada a relação. O conceito de trabalho produtivo, portanto, não encerra de modo algum apenas uma relação entre atividade e efeito útil, entre trabalhador e produto do trabalho, mas também uma relação de produção especificamente social, formada historicamente, a qual marca o trabalhador como meio direto de valorização do capital. Ser trabalhador produtivo não é, portanto, sorte, mas um azar. (idem, p. 106).

O que determina a produtividade do trabalho no capitalismo é a forma a qual ele está organizado, produzindo a mais-valia para o capitalista e criando seu próprio produto como capital. Nesse movimento, o mesmo tipo de trabalho pode ser produtivo ou improdutivo, a depender do modo que ele encontra-se organizado, sob a forma capitalista de produção. Não está em julgamento na análise do trabalho produtivo e do trabalho improdutivo a natureza dos processos de trabalho ou a utilidade do trabalho para a sociedade, mas interessa é o papel que este trabalho exerce no capitalismo.

A forma para se definir se o trabalho é produtivo depende da forma sob qual o trabalho se processa. Logo, a produtividade do trabalho no capitalismo não depende da



**SEMINÁRIO NACIONAL DE SERVIÇO SOCIAL,
TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL**
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis SC - 27 a 29 de Outubro de 2015

produção de bens materiais, nem da distinção entre trabalho físico e intelectual, mas sim da forma a qual o trabalho se processa sob a organização do modo de produção capitalista. Assim, sintetiza Marx que:

Trabalho produtivo é uma abreviação para designar o conjunto do relacionamento e dos modos em que a força de trabalho figura no processo capitalista de produção. É da maior importância, porém, distingui-lo de outras espécies de trabalho, pois essa distinção exprime a especificidade da forma do trabalho sobre que repousam o modo capitalista de produção por inteiro e o próprio capital. (MARX, 1987, p.133)

Deste modo, tecidas as considerações sobre o trabalho produtivo, Marx também se deteve a analisar o trabalho improdutivo², que será abordado aqui tomando como referência a discussões dos serviços³. É necessário ressaltar que para se determinar a produtividade ou improdutividade do trabalho se faz necessário pressupor uma relação de assalariamento, em que haja a relação de compra e venda da força de trabalho. O trabalho improdutivo, apesar de não produzir a mais-valia, não pode ser conceituado como sem utilidade social. Pelo contrário, ele exerce uma função social dentro do pleno funcionamento do capitalismo.

Marx conceitua que "(...) serviço não é em geral mais do que uma expressão para o valor de uso particular do trabalho, na medida em que este não é útil como coisa mas como atividade" (MARX, 2010, p.118). A atividade de serviços geralmente não cria valores de uso que se materializam em um objeto, tendo sua utilidade apenas como atividade, ou seja, essa utilidade deixa de existir quando o trabalho termina.

No caso dos serviços improdutivos eles são utilizados como valor de uso, eles não criam diretamente valor, mas são essenciais para a manutenção do modo de produção capitalista. No entanto, deve-se alertar que os serviços também podem se constituir como atividade produtiva. Um cozinheiro pode ser um trabalhador produtivo se trabalha em um restaurante, convertendo seu trabalho em capital para o dono do estabelecimento. Mas, o mesmo cozinheiro pode ser trabalhador improdutivo se prestar serviços domésticos, porque aí seu trabalho é comprado como valor de uso para ser consumido. Assim,

Quando se compra o trabalho para consumir como valor de uso, como serviço, não para colocar como fator vivo no lugar do capital variável e o incorporar ao processo capitalista de produção, o trabalho não é produtivo eo trabalhador assalariado não é trabalhador produtivo. O seu trabalho é consumido por causa de seu valor de uso, não como trabalho que gera valores de troca; é consumido improdutivamente. [...] (MARX, 2010, p.111).

O trabalho prestado através dos serviços será improdutivo quando comprado com a renda do consumidor, não vindo ao caso se este serviço se materializa em uma coisa ou se desaparece ao final de sua execução. Quando comprados para o consumo, em decorrência de seu valor de uso, os serviços não se convertem em fator do capital. Por isso que são considerados como improdutivos. Assim, infere-se que esses trabalhadores improdutivos são assalariados que vendem sua força de trabalho para que seja consumida com uma utilidade específica, e seu salário será pago com renda. Elucida Marx que

² Dentro do âmbito do trabalho improdutivo, estão inseridos um conjunto de atividades que não estão realmente subordinadas ao modo de produção capitalista, como as atividades dos artesãos, pequenos proprietários de terra, etc. Porém, estes tipos de atividades não serão analisadas neste trabalho. O mesmo se deterá a analisar os serviços improdutivos que estão subsumidos ao capital.

³ Sabe-se que na atualidade o setor de serviços encontra-se numa proporção e complexidade muito maior do que como foi tratado na conjuntura a qual Marx escreveu suas produções. Porém, este artigo se limitará a discutir os serviços tal como Marx abordou em suas produções, levando em conta aquele contexto histórico.



Os serviços prestados, para seu produtor, são mercadorias. Têm determinado valor de uso (imaginário ou real) e determinado valor de troca. Para o comprador, porém, esses serviços são meros valores de uso, objetos em que consome a renda. Esses trabalhadores improdutivos não obtêm grátis sua participação na renda (nos salários e lucros), sua cota nas mercadorias produzidas pelo trabalho produtivo: têm de comprar seu quinhão, mas nada têm a ver com a produção dessas mercadorias (MARX, 1987, p.138).

Os elementos aqui expostos levam a defender que o trabalho dos trabalhadores improdutivos é trocado por renda e o dos trabalhadores produtivos por capital, ainda que ambos estejam organizados sob o modo de produção capitalista e baseados numa relação de assalariamento. Consideradas as diferenças mencionadas, há duas semelhanças entre o trabalhador produtivo e o trabalhador improdutivo. A primeira diz respeito ao fato da força de trabalho dos dois ser uma mercadoria. Esta mercadoria é vendida ao capitalista por um determinado valor, que é o salário. A segunda semelhança reside no valor da força de trabalho, tanto de um como do outro, que é determinado de modo igual; pelo que custa para sustentá-lo, pelo que o trabalhador necessita para reproduzir a sua força de trabalho (DIAS, 2006, p.34).

Quando a produção de mercadorias se absolutiza convertem-se em mercadorias todos os produtos e converte-se em trabalho assalariado todo trabalho. Funções que antes eram exercidas até gratuitamente, ou eram pagas de forma indireta, ou consideradas um fim em si mesmas, transformaram-se em trabalho assalariado, que é o caso dos serviços. A prestação de serviços foi transformada em trabalho assalariado e os que executam os serviços em assalariados. Os serviços, no capitalismo, são transformados em trabalho assalariado, que pode ser produtivo ou improdutivo (DIAS, 2006). Pois,

Este fenômeno, o de que com o desenvolvimento da produção capitalista todos os serviços se transformam em trabalho assalariado e todos seus executantes em assalariados [...] fornece aos apologistas um pretexto para converterem o trabalhador produtivo, pelo fato de ser assalariado, num trabalhador que apenas troca seus serviços (quer dizer, o seu trabalho enquanto valor de uso) por dinheiro. (MARX, 2010, p.112).

Acrescente-se a isso que “todo trabalhador produtivo é um assalariado mas nem todo assalariado é um trabalhador produtivo” (MARX, 2010, p.111). Portanto, o critério do assalariamento não deve ser o definidor da produtividade ou improdutividade do trabalho. Sintetiza Marx que “a determinação do trabalho produtivo (e, por conseguinte também a do improdutivo, como seu contrário)” é baseada “no fato de a produção do capital ser produção de mais-valia e de o trabalho por ela empregado ser trabalho produtor de mais-valia” (ibidem, p.120). Assim, o argumento preponderante é que o modo de produção capitalista é essencialmente produtor de mais-valia, tendo o trabalho produtivo e o trabalho improdutivo como complementares à reprodução do sistema do capital.

4 CONCLUSÃO

Na perspectiva de análise adotada neste trabalho, procurou-se evidenciar elementos que possam contribuir para o debate em torno da configuração do trabalho no capitalismo, como denominou Marx de trabalho abstrato, e seus desdobramentos em trabalho produtivo e trabalho improdutivo. Ficou nítido que o trabalho na sociedade capitalista, com a especificidade do trabalho abstrato, o trabalho assume o caráter de ser produtivo ou improdutivo, ou seja, ele pode ser produtor ou não de mais-valia.



Sabe-se da existência da polêmica em torno destas categorias. Porém, tal trabalho buscou contribuir para uma aproximação inicial às categorias tentando, minimamente, conceituá-las como categorias econômicas, no contexto do modo de produção capitalista, com base na produção marxiana e marxista. Visualizou-se no decorrer do estudo que o trabalho produtivo, como categoria econômica do modo de produção capitalista, é aquele trabalho assalariado que produz mais-valia. Porém, para que haja as condições fundamentais de reprodução do capitalismo, há outro tipo de trabalho que não produz a mais-valia, mas é essencial para a reprodução deste modo de sociabilidade, que foi conceituado como trabalho improdutivo.

O ponto que distingue fundamentalmente o trabalho produtivo do improdutivo é o fato deste último ser trocado por renda e o dos trabalhadores produtivos por capital. Porém, conclui-se que há duas semelhanças em ambos os trabalhos: a força de trabalho do trabalhador produtivo e do improdutivo é uma mercadoria, comprada através de um salário e o valor dessa força de trabalho é determinado pelo o que custa para reproduzir o trabalhador.

Portanto, mesmo que o trabalho assuma a forma de serviço (aquele que não se materializa num objeto, mas é útil como atividade) ele pode produzir mais-valia. Assim, com base nas passagens de Marx, fica claro que o que define a produtividade ou improdutividade do trabalho, organizado sob o modo de produção capitalista, não é o conteúdo do trabalho, nem seu valor de uso, tampouco sua utilidade. O trabalho será produtivo se ele for capaz de produzir mais-valia para o capitalista.

REFERÊNCIAS

DIAS, Cristina Maria Nogueira Parahyba. **Trabalho produtivo e trabalho improdutivo: de Marx à polêmica marxista** (Napoleoni, Rubin e Mandel). Tese de Doutorado. Rio de Janeiro - RJ: Pós-Graduação em Serviço Social da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

LESSA, Sergio. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **Marx – Lukacs – Proletariado**. Disponível em: http://www.sergiolessa.com/CapLivro08/mrx_lkcs_classes_2008.pdf, 2008. Acesso em 12 abr 2013.

LUKÁCS, Georg. **Il Lavoro, de Per l'ontologia Dell' Essere Sociale**. Tradução para o português do professor Ivo Tonet (Universidade Federal de Alagoas), 1998.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Volume I, Livro Primeiro, Tomo I. Nova Cultural: 1985a.

_____, **O Capital: Crítica da Economia Política**. Volume I, Livro Primeiro, Tomo II. Nova Cultural: 1985b.

_____, **Teorias da mais-valia: História Crítica do Pensamento Econômico**. Vol. I. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.

_____, **Teorias da mais-valia: História crítica do Pensamento Econômico**. Vol. III. São Paulo: DIFEL, 1985.

_____, **Capítulo VI Inédito de O Capital**. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2010. Tradução de Klaus Von Puchen.



**SEMINÁRIO NACIONAL DE SERVIÇO SOCIAL,
TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL**
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis SC - 27 a 29 de Outubro de 2015

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução de Álvaro Pina. São Paulo: Expressão Popular, 2009.